

O futuro posto em questão na obra de Stefan Zweig

Cleia Schiavo Weyrauch*

RESUMO

O humanismo e o pacifismo, propostas iluministas, colocaram a história sob o crivo da suspeita. Entre os séculos XIX e XX, as concepções de futuro, contidas no evangelho do progresso de Comte e na pregação do pacifismo do escritor austríaco Stefan Zweig, foram abaladas pela emergência do nazi-fascismo. O escritor encontrou na América um novo paradigma democrático.

Palavras-chave: Brasil; futuro; história.

SUMMARY

Humanism and pacifism, both illuminist proposals, have placed history on suspicion. Between the 19th and 20th centuries, the conceptions of future contained in Comte's Gospel of progress and in the pacifism preaching of the Austrian writer Stefan Zweig were shaken by nazi-fascism arrival. The writer found in America a new democratic paradigm.

Keywords: Brazil; future; history.

RESUMEN

El humanismo y el pacifismo, propuestas iluministas, han puesto la historia bajo sospecha. Entre los siglo XIX y XX, las concepciones de futuro, contenidas en el evangelio del progreso de Comte y en la pregação del pacifismo del escritor austriaco Stefan Zweig, fueron conmovidas por la emergencia del nazi-fascismo. El escritor encontró en América un nuevo paradigma democrático.

Palabras-clave: Brasil; futuro; historia.

Os acontecimentos históricos que marcaram o século XX, culminando com a eclosão das duas Grandes Guerras, colocaram sob suspeita a realização do humanismo e do pacifismo, das mais diversas formas. No campo da ciência e da arte, a positividade do futuro apresentava-se com a fundação de novas ciências e o surgimento das vanguardas artístico-culturais. Augusto Comte, o fundador da sociologia no século XIX, acreditou na evolução da sociedade, enquanto Stefan Zweig, baseado nas suas experiências de juventude, afirmava que "cada década seria uma ante-sala de outra ainda melhor". De um modo geral, as idéias-força de evolução e progresso contaminaram o século XIX e levaram os homens em geral a acreditar que no século XX o futuro proposto por essas idéias se concretizaria. Também no campo da religião, a idéia de evolução marcou tanto o kardecismo quanto a religião da humanidade proposta por Augusto Comte. Na prática, a sociologia, nascida sob a égide do progresso e da racionalidade científica, pretendeu traduzir o que já haviam afirmado os filósofos iluministas sobre o poder transformador da razão.

No século XIX, a força do futuro empobrece a noção de amanhã e incorpora uma nova dimensão filosófica de traço prometeico. Os cientistas do século XIX, sociólogos ou não, apostaram na emergência de uma qualidade de sociedade quando anunciaram sua fé nos novos tempos de racionalidade social. Para Augusto Comte, o futuro revelaria uma socie-

dade marcada por novas relações inter-humanas, conseqüência do desenvolvimento da ciência em todos os planos. Para ele, a sociedade, após ultrapassar os estados teológico e metafísico, alcançaria o estado positivo da razão, e mesmo a religião da humanidade não possuiria a dimensão teológica.

Stefan Zweig [1881-1942] é um dos autores que coloca em discussão o conceito de futuro como certeza de justiça social. O otimismo de juventude redefine-se diante do avanço do nazismo. As obras autobiográficas, *O mundo que eu vi* e *Brasil, país do futuro*, que o tornaram célebre no Brasil, dizem dos seus dilemas quanto ao futuro da democracia social na Europa e da possibilidade da experiência social brasileira vir a ocupar um lugar paradigmático. "O século XIX com seu idealismo liberal achava-se honestamente convencido de estar no caminho reto e infalível para o melhor dos mundos." (...) "Já se acreditava mais no progresso do que na Bíblia, e esse evangelho parecia irrefutavelmente comprovado pelos novos milagres da ciência e da tecnologia." (Zweig, 1999, p.17)

De fato, a idéia da aderência da racionalidade científica à evolução social da humanidade, proclamada por Augusto Comte, circulava entre os intelectuais na Europa, que a entendiam como segurança social, respeito à individualidade, conquistas gradativas do projeto democrático e eficazes intervenções urbanas. Certamente a idéia de positividade estava publicamente posta ao lado das intervenções nos campos da histó-

ria, da política, entre outros. Se para Comte a cidade era o lugar da Pátria, para Zweig era o da cultura e da história. A exemplo, a descrição que Zweig faz de Viena em *O mundo que eu vi* deixa ver o entusiasmo do autor por um projeto de cidade que o nazismo destruiu. Como grande universo de interlocução da arte e da cultura, a cidade de Viena projetou uma experiência de nivelamento, em que os judeus sobressaíram como agentes universais. Mas, o que fez Zweig pensar que o Rio de Janeiro poderia ser o modelo de cidade do futuro?

Quem foi Stefan Zweig?

Stefan Zweig, famoso escritor austríaco, defensor do humanismo pacifista, conviveu em Viena com os mais ilustres homens de seu tempo.¹ Estudou em Paris, Berlim e, em 1934, deixou Salzburg, fugindo do nazismo em direção a Londres, de onde vem para o Brasil, em 1940.

A partir de 1932, inicia correspondência com seu editor brasileiro e, em 1936, visita o país pela primeira vez, quando declara a um repórter que gostaria de escrever um livro sobre o Brasil. Em 1940, transfere-se definitivamente para o Brasil, dando prosseguimento a pesquisas que culminariam com a publicação, em 1941, de *Brasil, país do futuro*.

Este livro foi, sem sombra de dúvida, escrito por um auto-exilado europeu sob o impacto da experiência tropical americana e do malogro da experiência liberal na Europa. Considerado por Afrânio Peixoto um dos mais favorecidos "retratos do Brasil", a obra revelou a brasileiros e estrangeiros o amor de um austríaco que, através da poética de sua narrativa, encurtou as distâncias entre os mundos europeu e americano. A narrativa diz do prazer do encontro com a natureza na América que Zweig, sem cessar, celebra. Da questão político-social fala com encanto, contrapondo o modelo alemão e o brasileiro, julgando que este possa constituir um outro paradigma humanístico diante da falência do modelo político europeu.

A (suposta) tolerância que marcava a vida social brasileira e o tamanho do território predestinavam o país a ser um dos mais importantes no futuro. Seu índice de humanidade constituía-se em

patrimônio capaz de servir de base a projetos nacionais suicidas em vigor nos anos 1930-1940, na Europa.²

Do ponto de vista do cotidiano, o discurso sobre a dimensão democrática da convivência social brasileira contrastava com a vivência de Zweig na Europa. Na introdução de *Brasil, país do futuro*, uma pergunta anuncia a procura de um novo paradigma: "como poderá conseguir-se no mundo viverem os entes humanos pacificamente uns ao lado dos outros, não obstante todas as diferenças de raças, classes, pigmentos, religiões e opiniões?" (1941, p.14-15) Ele julgava que o Brasil havia resolvido essa "complicada" situação. E continuava: "com a maior admiração, verifica-se que todas as raças [existentes no Brasil] vivem em perfeito acordo entre si". (p.15) Zweig, influenciado pela brutalidade do nazismo, não percebeu os limites da tolerância e os atritos político-sociais existentes no Brasil entre raças, classes e nacionalidades. A extensão da violência do processo político alemão havia deixado marcas profundas em sua personalidade e, como outros

europeus humanistas, Zweig deixara a Europa por motivos políticos.

Ao contrário de Wilhelm Reich, Herbert Marcuse, Max Horkheimer, Berthold Brecht, Thomas Mann, que se dirigiram à América do Norte, Zweig escolheu o Brasil para viver e aqui se suicidou em 1942. Membro fervoroso da cultura sentimental vienense, Zweig não conseguiu conviver com a interrupção do avanço das idéias democráticas na Europa e morreu, como tudo indica, de "dor política", vendo o fortalecimento do nazismo no continente de origem. Com relação à sua morte, outras hipóteses apresentam-se, embora sem a força da primeira.

A conjuntura européia

Embora a história da Áustria tivesse sido marcada por peculiaridades nos campos da cultura e da política, foi dela que Hitler retirou formas de ação anti-semitas.³ Karl Lueger e Georg Von Schonerer tornaram-se, segundo Carl Schorske, fontes de inspiração do Führer, e a ascensão desses líderes na cena política austríaca marcou o início de uma era de obscurantismo.



Escritor humanista, Stefan Zweig conviveu na Europa pós-Tratado de Versalhes com o contraste entre a modernidade técnica e o arcaísmo sócio-político, com o debate sócio-cultural e com o exacerbamento de temas como nação e povo, conduzidos por idéias xenófobas. Para além desses contrastes, presenciou uma grave crise econômica, potencializada pela crise internacional, cujas conseqüências sociais foram drásticas para o continente europeu. O marco da paz de Versalhes, conhecida pela sua brutalidade em relação aos alemães, proporcionou aos adeptos da direita e extrema direita os argumentos para o fortalecimento, na sua dimensão perversa, das idéias românticas de povo e de nação. Como expressões do espírito alemão, ambas as idéias abrigaram místicas interpretações que exigiam de quem as aderisse um comprometimento fanático semelhante à lealdade imposta pelos nacional-socialistas (na Itália, um regime idêntico se instalara em 1922, ancorando-se na remota história de Roma).

Essa ideologia, marcada pela defesa dos confrontos radicais, previa o aniquilamento fosse de uma classe, geração ou raça. A nova sociedade alemã deveria sair dos escombros de uma luta redentora da raça ariana, ameaçada, a partir de 1918, por uma suposta conspiração de socialistas, estrangeiros e, sobretudo, de judeus. Ao contrário do conceito de *biofilia* defendido por Erich Fromm, apostava-se à época na *necrofilia*, ignorando-se as conquistas que os democratas europeus e alemães haviam logrado alcançar no decorrer dos séculos XIX e XX. O clima em que navegava a democracia supunha que, em breve espaço de tempo, os homens ingressariam na plena cidadania. Ficção ou não, essa idéia, talvez um conceito-limite, alimentou o projeto democrático da modernidade e sensibilizou levas de homens que, pelas vias do liberal e do marxismo-iluminismo, lutaram pela institucionalização dos seus direitos. Nas idéias que circulavam na sociedade, encontravam-se temas como igualdade social, tolerância, combate ao despotismo e aperfeiçoamento moral e social. Na prática, os adeptos

dessas idéias tinham pressa em afastar os demônios do despotismo, do racismo e do obscurantismo do interior da sociedade.

Mas, a partir da década de 1920, esse eufórico projeto começou a dar sinais de fragilidade diante tanto dos discursos de exaltação nacional quanto da ideologia de conflito racial. À universalidade, propõe-se a nacionalidade, à paz propõe-se a guerra, à autonomia dos homens contrapõe-se a sujeição a um chefe inquestionável, à razão humanista opõe-se o fanatismo.

Com a ascensão do nazismo, instala-se a intolerância e, a partir dela, uma política radical e sistemática de exclusão que via o projeto inclusivo da modernidade como expressão de decadência e aniquilação de uma germanidade autêntica. Hitler, a pretexto da defesa desta identidade, afirmou, tanto no *Mein Kampf*,⁴ em discursos políticos proferidos, como em suas conversações privadas,⁵ ser necessário religar o povo alemão a partir dos laços históricos sangue/solo, combatendo, sempre que necessário, os inimigos dessa concepção de identidade. Para ele, a causa do “desregramento da sociedade alemã”⁶ estava na tolerância ao ideário democrático, inimigo do genuíno espírito alemão.

Na prática, a política de exclusão voltou-se, de fato, contra os judeus: impedidos de existirem como cidadãos alemães, politicamente diferentes da concepção nazista vigente, como etnia, ou mesmo como indivíduos, quase seis milhões deles foram exterminados, configurando uma experiência sem precedente na história.

Como Thomas Mann, Bertold Brecht, Pollock, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, entre outros, Zweig, diante da derrota do projeto inclusivo de democracia na Áustria e na Alemanha, deixa a Europa e procura recriar no exílio um novo paradigma humanista.

A urgência da construção do Reich dos mil anos afirmou o conceito de modernidade conservadora dos nazistas, cujo objetivo era estabelecer uma ordem inconciliável com as conquistas decorrentes do iluminismo político. O conceito de futuro contido na narrativa de esperanças para

o Brasil, proposto por *Stefan Zweig*, incluía a miscigenação inimaginada pelos regimes nazifascistas, sobretudo o alemão.

No novo paradigma, o lugar da cidade-capital

Em *Brasil, país do futuro*, a dialética de complementaridade proposta, com ênfase no universo sócio-político, apóia-se na convergência essencial expressa na relação entre natureza e cultura. No caso do relato sobre a cidade do Rio de Janeiro, associa-se a essa essencialidade os conceitos de Oriente e Ocidente para dizer da possibilidade de um padrão de cidade que ultrapassa aqueles discutidos pela vanguarda européia. Para um europeu da primeira metade do século XX, a modernidade de um país era medida pela qualidade moderna de sua capital, pela racionalidade e planejamento de seu território. Na realidade, a afirmação de uma centralidade política dependia da imagem de poder de uma cidade sobre o território nacional a ela vinculado. No caso de Berlim, Hitler, ao assumir o poder em 1933, resolve torná-la cosmopolita e monumental, acima de Paris e Viena, julgando-a inadequada para a capital de um Reich que deveria ser modelo do mundo. Em conversas registradas por Albert Speer, Hitler dizia, ao tomar o poder, que “Berlim não é mais do que um irregular amontoado de edificações” (Speer, 1971, p.76), era necessário torná-la regular e simétrica.

Para Stefan Zweig, a cidade do Rio de Janeiro, onde viveu mais tempo, expressava o novo paradigma de civilização pelo leque de contrastes complementares que conciliava. Além de acentuar que a vida social no Rio de Janeiro tolerava todos os contrastes, aplaudia a cidade porque não era acometida do “delírio geométrico das avenidas retas, dos nítidos cruzamentos, da horrenda idéia da excessiva regularidade das modernas cidades grandes, que sacrificam a simetria da linha e a monotonia das formas, precisamente o que sempre é o incomparável de toda a cidade: suas surpresas, seus caprichos e suas angulosidades e sobretudo seus contrastes – esses contrastes entre o velho e o novo, entre cidade e natu-

reza, entre rico e pobre, entre o trabalhar e o flandar, contrastes que aqui se gozam em sua harmonia sem par". (Zweig, 1941, p.232)

Seu relato sobre a cidade do Rio de Janeiro refere-se a um novo que se construía a partir de uma dimensão inédita de História, sem a violência advinda dos expurgos da vontade de um guia, como era o *führer* alemão. Para ele, na cidade do Rio de Janeiro, todos se misturavam, conjugando-se o novo e o velho, o antigo e o tradicional, Oriente e Ocidente.

Com olhos não viciados pela modernidade urbanística, além de celebrar a relação natureza-cidade, Zweig via beleza no que se poderia chamar relação Oriente-Ocidente, tão depreciada pelos modernos. Talvez cansado dos megaprojetos, encontrasse na cidade do Rio de Janeiro a beleza da aproximação ideal e necessária entre Natureza e Cultura, Oriente e Ocidente, tão distante das discussões da vanguarda europeia. "Por toda a parte a natureza é exuberante, (...) e em plena natureza se acha essa mesma cidade. E uma floresta de pedra com seus arranha-céus e pequenos palácios, com suas avenidas e praças e ruas estreitas de aspecto oriental, com suas choças de negros, e gigantescos ministérios, com suas praias de banho e seus cassinos." (Zweig, 1941, p.190)

O Rio de Janeiro aparece, então, como a cidade que se confundia sem parar com a natureza, um belo artifício complementar. Em verdade, Zweig entendia a cidade como um monumento incrustado na Baía da Guanabara e nas florestas que a cercavam por todos os lados. Influenciado, similar à maioria dos alemães, pela "união com a natureza", encontrou-a plena nos trópicos, quer na floresta e seus recortes, quer nas interfaces com o mundo civilizado americano.

No Brasil, vivia-se a possibilidade de uma nova convivência democrática, baseada na pluralidade étnico-social, ponto de partida da revisão dos conceitos de cultura e civilização, entendidos até então pelo registro da razão instrumental. E diz: "já não estamos dispostos a simplesmente equipará-los à idéia de organização e conforto" (1941, p.19), sugerindo que

apenas o grau de superioridade do espírito humanístico seria capaz de neutralizar os ódios entre etnias, classes, gerações e nacionalidades.

Para além de seu preconceito inicial, descrito na introdução do livro, Zweig confessa com todas as letras: "Eu tinha sobre o Brasil a idéia pretensiosa que sobre ele tem o europeu e o norte-americano e tenho agora dificuldade de retorná-la". (1941, p.2) Mas, esse austríaco "pretensioso" foi capaz de escrever um livro que, em tempos atuais, serve de reflexão para o estudo das perspectivas do Brasil em relação ao futuro. De fato, Stefan Zweig já amava o Brasil antes mesmo de conhecê-lo. De volta à Europa de sua primeira viagem em 1936, escreveu *Pequena viagem ao Brasil*, que publicou em vários jornais do mundo. Segundo Alberto Dines, seu maior biógrafo no Brasil à época: "Quem conhece o Brasil de hoje lançou um olhar para o futuro".

Deixo como homenagem a Stefan Zweig (1941, p.302) a sua frase dedicada ao Brasil e à cidade do Rio de Janeiro:

"Despedida

Quem visita o Brasil, não gosta de o deixar. De toda a parte deseja voltar para ele. Beleza é coisa rara e beleza perfeita é quase um sonho. O Rio, essa cidade soberba, torna-o realidade nas horas mais tristes. Não há cidade mais encantadora na terra."

Notas

¹ Este círculo de intelectuais incluía Schnitzler, Hofmannsthal, Herman Hesse, Max Brod, Thomas e Heinrich Mann, Walter Rathenau, entre outros.

² Entre a primeira e a segunda e definitiva vinda de Stefan Zweig ao Brasil, implantou-se a Ditadura de Vargas, período denominado de Estado Novo. Nesse período arbitrário, algumas das garantias democráticas foram suspensas, embora a maioria dos jornais não enfatizassem o que os porões da tortura já registravam.

³ Os movimentos nacionalistas na Áustria neutralizaram, a partir de meados do século XX, o avanço das idéias austroliberais multinacionalistas. Karl Lueger e Georg Von Schonerer foram expressões desses movimentos. Lueger, cristão anti-semita, tornou-se prefeito de Viena no início do século.

Schonerer, industrial, organizou os nacionalistas radicais em 1882 e implementou uma política anti-semita extremada.

⁴ HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

⁵ Essa afirmação foi retirada de *Hitler Secret Conversations*, cujo conteúdo define, pelos documentos de intimidade, a personalidade e as idéias radicais conservadoras de Adolf Hitler.

⁶ No segundo capítulo do livro *Minha Luta*, Hitler registra suas hostilidades tanto em relação à social-democracia quanto ao socialismo: "O que mais me afastava da social-democracia era sua posição adversária em relação ao movimento pela conservação do espírito germânico". (p.44) Identifica como os responsáveis pela degradação das almas germânicas os franceses e judeus.

Bibliografia

- DINES, Alberto. *Morte no paraíso: a tragédia de Stefan Zweig*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- FROMM, Erich. *O coração do Homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.
- GAY, Peter. *A cultura de Weimar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- KERSHAW, Ian. *Hitler, um perfil do poder*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- LINDHOLM, Charles. *Carisma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- LOON, Hendrich Van. *Tolerância*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1942.
- RICHARD, Lionel. *A República de Weimar*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- SCHOLEM, Gerschom. *A mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- SCHORSKE, Carl. *Vienna fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- SHIRE, William. *The Rise and Fall of the III Reich*. USA: Simom and Schuster nc, 1960.
- SPEER, Albert. *Por dentro do III Reich: os anos da glória*. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.
- TOLAND, John. *Um*. New York: Ballantine Books, 1977.
- TREVOR-ROPER, H.R. *Hitler's Secret Conversations (1941-1944)*. A signet book. Published by the New American Library.
- ZWEIG, Stefan. *Brasil, país do futuro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1941.

* Cleia Schiavo Weyrauch é Doutora em Comunicação Social pela ECO/UFRJ, Professora do Departamento de Ciências Sociais da UERJ e Diretora do Departamento Cultural da UERJ.